



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS APLICADAS - FATECS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO
DISCIPLINA: MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA

JÉSSICA SAMPAIO LINS

20952709

**O CIGANO CALON NO DISTRITO FEDERAL: DOCUMENTÁRIO SOBRE A
CULTURA DE UMA COMUNIDADE**

BRASÍLIA

2012

JÉSSICA LINS

**O CIGANO CALON NO DISTRITO FEDERAL: DOCUMENTÁRIO SOBRE A
CULTURA DE UMA COMUNIDADE**

Memorial Descritivo apresentado como
requisito parcial para a conclusão do
curso de Jornalismo da Faculdade de
Ciências Aplicadas – FATECS
Professora: Katrine Boaventura

BRASÍLIA
2012

JÉSSICA LINS

**O CIGANO CALON NO DISTRITO FEDERAL: DOCUMENTÁRIO SOBRE A
CULTURA DE UMA COMUNIDADE**

Memorial apresentado como um dos
requisitos para a conclusão do curso do
UniCEUB – Centro Universitário de
Brasília.

Brasília, ____ de _____ de 20____.

Prof. (a): Katrine Tokarski Boaventura
Orientador (a)

Prof. (a): Luiz Cláudio Ferreira
Examinador (a)

Prof. (a): Cláudia Busato
Examinador (a)

Resumo

O Documentário “O Cigano Calon” é resultado de um projeto experimental, realizado com o intuito de compreender a cultura e os costumes da comunidade cigana do Distrito Federal. A partir da pesquisa foi construída uma concepção programática com o objetivo de mostrar quem são os ciganos da etnia Calon no Distrito Federal. Esse projeto apresenta a percepção de cinco ciganos e um historiador a respeito de temas comuns numa comunidade, por exemplo, origem, moradia, preconceito, trabalho e laços familiares. O processo de criação do documentário “O Cigano Calon” levou em consideração o máximo de aspectos relatados durante pré-entrevistas com a comunidade.

Palavras-chave: cigano Calon. cultura. sociedade. documentário.

Sumário

1. Introdução	6
2. Justificativa	8
3. Objetivos	8
3.1 Objetivo Geral	8
3.2 Objetivos Específicos	8
4. Fundamentação Teórica	9
4.1 Documentário	9
4.2 Cultura Cigana Calon	14
5. Metodologia	17
5.1 Contato com os ciganos	17
5.2 Conhecendo o acampamento	17
5.3 As gravações	18
5.4 Nasceu o documentário “O Cigano Calon”	21
5.5 Cronologia do Campo	23
6. Considerações Finais	24
7. Referências Bibliográficas	25
Anexo A – Roteiro	27

1. Introdução

Este produto é um documentário que aborda a história e os costumes da cultura cigana. O conteúdo é baseado na convivência com ciganos de etnia Calon que moram no Distrito Federal, tanto em casas, como em acampamentos. Acompanhar o dia-a-dia da comunidade, entender o porquê do estilo das roupas, como é realizado o acordo para os casamentos, da onde surgiram os Calon, quais as crenças, como são definidos os cargos de chefia e qual a língua utilizada pelos ciganos. Esta foi a ideia central do vídeo.

Diferente da maioria dos ciganos, que vive num mundo em que as pessoas não possuem endereço fixo, documentos, conta em banco e carteira assinada, os ciganos de etnia Calon preferem fixar residência. São o grupo mais numeroso do Brasil e utilizam uma língua própria, chamada Chibi, que é apenas falada, não existindo a forma escrita. Para eles, é um modo de se comunicar quando estão em momentos de riscos, sem que os outros compreendam, pois foram perseguidos por muito tempo.

O universo cigano é antigo e extenso, cheio de crenças e histórias. Os laços tribais são muito fortes entre as comunidades ciganas. Estes se tratam por parentes, primos e tios. A questão da fidelidade entre eles é abordada com muita seriedade. A mentira é um fator condenável. Os cargos de chefia de tribo são adquiridos pela competência, prestígio e idade da cada um.

Já os casamentos são “arranjados” quando as crianças tornam-se adolescentes, de acordo com a pesquisa realizada na comunidade. Com 13 ou 14 anos, os jovens ciganos se casam, mesmo já pertencendo à mesma família. Muitas vezes são, por exemplo, primos de 3º grau. Quando os jovens se casam, o sogro da moça tem uma responsabilidade maior, ele acaba sendo também o pai dela a partir daquele momento. Ele deve cuidar dela como uma filha de sangue.

O líder dos ciganos, conhecido como capitão, é escolhido pela própria comunidade para cuidar da grande família Calon, como eles mesmos costumam dizer, “na comunidade, todos são parentes”. O capitão da comunidade Calon do Distrito Federal é o cigano Elias, que tem papel importante e é muito respeitado por todos, tornando-se a “voz” da comunidade.

O cigano Calon está sempre viajando pelo Brasil à procura de mercadorias como, por exemplo, panelas, panos de prato, cobertores e tapetes. É por meio

destes produtos que a comunidade se sustenta. Esta é a principal fonte de renda dos ciganos Calon do Distrito Federal.

2. Justificativa

É difícil encontrar informações sobre os ciganos e há pouca visibilidade destes povos (durante atividades diárias e comuns da sociedade). Desde pequenas, as pessoas escutam histórias de ciganos (como por exemplo, a cigana Esmeralda, vista no filme “O Corcunda de Notre Dame”) e acabam criando uma imagem distorcida e, muitas vezes, negativa, dos ciganos.

A realização de um documentário poderia ser um meio fundamental de mostrar à sociedade quem realmente são os ciganos, onde vivem e quais são seus hábitos, crenças e histórias. Não apenas falar dos ciganos de um modo geral, mas mostrar que existem grupos diferentes, e que, no Distrito Federal, a maioria é da etnia Calon.

3. Objetivos

3.1 Objetivo Geral

Produzir um documentário baseado na convivência com ciganos de etnia Calon que moram no Distrito Federal, em um acampamento cigano no Córrego Arrozal, em Sobradinho e, em uma casa, no Cruzeiro Velho, para melhor compreender a cultura cigana.

3.2 Objetivos Específicos

- a) Mostrar quem são os ciganos da etnia Calon, abordar os costumes e cultura e como vivem na comunidade;
- b) Fazer revisão bibliográfica acerca dos temas envolvidos na pesquisa: cultura cigana e técnicas utilizadas em documentário;
- c) Entrevistar personagens envolvidos com o tema;
- d) Mostrar o dia-a-dia na comunidade para que os espectadores tenham uma visão geral da comunidade;
- e) Desenvolver roteiro do documentário;
- f) Compreender o comportamento, o uso da linguagem própria e o trabalho dos ciganos.

4. Fundamentação Teórica

4.1 Documentário

O documentário surgiu a partir da necessidade de cineastas e escritores em desenvolver uma forma inédita de abordagem para a compreensão da realidade. O interesse era utilizar formas que ainda não haviam sido exploradas, contribuindo de forma educativa e social na formação da opinião pública. Segundo Flaherty (1985, p. 157 *apud* DA-RIN, 2004, p. 51):

O documentário é filmado no próprio lugar que se quer reproduzir, com as pessoas do lugar. Assim, o trabalho de seleção será realizado sobre material documental, com a finalidade de narrar a verdade da forma mais adequada e não dissimulando-a por trás de um elegante véu de ficção, e quando, como corresponde ao âmbito de suas atribuições, infunde a realidade o sentido dramático, este sentido surge da própria natureza e não unicamente da mente de um escritor mais ou menos engenhoso.

A ideia para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) desde o início estava ligada à elaboração de um documentário sobre a cultura, costumes e dia-a-dia de alguma comunidade. O objetivo principal para a realização do documentário seria a representação da realidade de um “mundo” que não estivesse presente para toda a sociedade.

Na diversidade, a comunidade documentarista (que inclui os próprios cineastas, os espectadores e todos os que de algum modo se interessam/trabalham o gênero) encontra-se ligada pela ideia (mesmo que mal definida) de que é possível representar a realidade. Essa representação não obedece, obrigatoriamente, a regras de gêneros. O que é consensual é que o seu material de trabalho são as imagens ou os sons recolhidos *in loco*. Para a comunidade documentarista o importante é a vida das pessoas e os acontecimentos do mundo (as imagens/sons que nos apresenta dizem respeito ao que é exterior a elas). (PENAFRIA, 2012, a)

Com alguns meses de pesquisa, surgiu, então, a descoberta dos ciganos de etnia Calon do Distrito Federal. Estes foram denominados os protagonistas da vida

real para o documentário. Mesmo encontrando muitos personagens que não eram necessários para o vídeo, foi preciso conhecer e ouvir o depoimento de todos.

Não faça dos demais personagens do seu roteiro meros antagonistas. Mesmo os secundários ou coadjuvantes precisam ser desenhados e recheados. E não apenas exteriormente. Têm que viver seus conflitos, possuir marca. Quantas vezes é um deles, de pequeno papel, que dá credibilidade a todo o roteiro (REY, 2001, p. 33).

Era importante que os depoimentos dos entrevistados fossem transmitidos a partir do real, do que eles realmente são, personagens da vida real. Para Manuela Penafria (2001b), um documentarista não dirige atores, não constrói personagens (pode sim, transmitir uma determinada imagem das suas personagens - intervenientes).

Ao estudar os aspectos de um documentário por meio de artigos, a ideia para o roteiro surgiu aos poucos. Segundo Rey (2001, p. 7) “Dizem que a melhor forma de se encontrar uma agulha num palheiro é sentando-se nele. Se sentir a picada, encontrou a agulha. Nada vem do nada. E muito menos as ideias, produtos de três vertentes: vivência, leitura e imaginação”.

A ideia para elaborar uma história, roteiro e produção de filme, parte de vários lugares. Às vezes, o roteiro pode estar concluído, mas o autor presenciou um fato ou ouviu opiniões diversas, e resolveu alterar certa parte da obra. Este, então, passa a ter a estrutura, novamente, mudada.

Todas as contribuições individuais de todos os diversos departamentos resultam num total muito maior do que as partes individuais. Fazer filme parece muito com uma orquestra: o acréscimo de várias harmonias pode mudar, aumentar e esclarecer a natureza do tema (LUMET, 1998, p. 49).

O papel do roteirista é fundamental para a abordagem do documentário. De acordo com Rey (2001, p. 78), “No Brasil, os primeiros roteiristas profissionais surgiram no rádio, quando noutros países já proliferavam no cinema e no music-hall”.

O processo de criação precisa atender à proposta idealizada. É como defende Saboya (1992, p. 31) “O ritmo do roteiro vai obedecer à sua sensibilidade

de acordo com o objeto do trabalho. Entre todos os gêneros para se roteirizar, há a necessidade de se seguir o pulsar da sua história.”

A estrutura e o roteiro precisam ser pensados, de que forma, por exemplo, o cenário pode chamar a atenção dos espectadores, como pode ser retratado.

Um documentário pauta-se por uma estrutura dramática e narrativa, que caracteriza o cinema narrativo. A estrutura dramática é constituída por personagens, espaço da ação, tempo da ação e conflito. A estrutura narrativa implica saber contar uma história; organizar a estrutura dramática em cenas e sequências, que se sucedem de modo lógico (PENAFRIA, 2001b).

Para chegar aos principais pontos da elaboração de um documentário é preciso todo um planejamento. As cenas devem ser pensadas, o enquadramento, local para filmagem, iluminação, montagem.

Documentário é também resultado de um processo criativo do cineasta marcado por várias etapas de seleção, comandadas por escolhas subjetivas desse realizador. Essas escolhas orientam uma série de recortes, entre concepção da ideia e a edição final do filme, que marcam a apropriação do real por um discurso (PUCCINI, 2012).

Segundo Nichols (2007, p. 80), elocução, disposição e pronúncia também são fatores importantes a serem levados em conta para a produção do documentário. A utilização de figuras de linguagem faz toda a diferença para chegar ao tom adequado e característico do estilo cinematográfico escolhido.

Ainda de acordo com a proposta de Nichols (2007, p. 92): “A voz do documentário atesta seu engajamento numa ordem social e sua avaliação dos valores subjacentes a essa ordem. É a orientação específica para o mundo histórico que dá ao documentário sua voz própria”.

A comunidade cigana Calon do Distrito Federal é composta por barracas (assim são chamadas as casas) simples. Neste caso, para montar a cena a ser gravada é preciso apenas encontrar um bom enquadramento, com artigos que lembrem a comunidade, compondo o cenário durante a gravação. Trata-se de organizar fragmentos dessa tal realidade da melhor maneira possível, ou seja, com diferentes tipos de planos ou ângulos de filmagem para constituir o filme.

A câmera é a mão que conduz o espectador para o interior do roteiro. Dependendo da escolha de planos, o roteiro fluirá normalmente ou não. Trará alguma novidade narrativa ou não. Mas é trabalho quase exclusivo do diretor, onde demonstra sua criatividade ou impõe sua marca pessoal (REY, 2001, p. 50).

O vídeo documentário pode traduzir uma determinada realidade filmada e escolhida pelo diretor. Este tem o papel de transformar, por meio de uma percepção ampla e subjetiva, a imagem do real em imagem artística.

Fazer filme sempre gira em torno de contar uma história. Alguns filmes contam uma história e nos deixam com uma impressão. Alguns contam uma história e nos deixam com uma impressão e nos dão uma ideia. Outros contam uma história, nos deixam com uma impressão, nos dão uma ideia e revelam alguma coisa sobre nós mesmos e os outros (LUMET, 1998, p. 52).

É possível afirmar que o documentário é um gênero jornalístico, com as mesmas técnicas de entrevista, filmagem e enquadramento, mas que possui a linguagem utilizada no cinema.

A máxima de um bom documentário é seu compromisso com a verdade. Um documentário tem de ser, acima de tudo, imparcial; deve tentar informar sobre um acontecimento baseando-se apenas nos fatos. O documentário, tal como os materiais para os programas informativos, tem a finalidade de reproduzir um fato tal como é, evitando interpretações subjetivas e pontos de vista puramente pessoais, embora também exista possibilidade de escrever um documentário de um ponto de vista pessoal, indicando que assim foi feito (COMPARATO, 2000, p. 341).

Assim como a televisão, o documentário traz consigo a capacidade de influenciar o público sobre os assuntos abordados. O uso da imagem, de interpretações artísticas, ou apenas a tradução da realidade numa tela, é algo que atrai a atenção das pessoas.

A televisão é o meio de comunicação mais moderno que existe. Ela alterou profundamente as relações do homem com o seu mundo, pois instituiu o hábito de recheiar as noites com “vivências” que seriam impossíveis durante o período diurno. Ela fixou socialmente a dispersão entre princípio de realidade e princípio de prazer, respectivamente o dia-a-dia de trabalho, o cansaço, o desgaste, a

obrigação, o dever, e o descanso, o relaxamento, a tranquilidade, o sonho (MARCONDES FILHO, 1988, p. 109)

Para que o vídeo documentário tenha um bom resultado é importante que os depoimentos estejam sincronizados a uma sequência lógica de assuntos. A partir deste momento, o roteirista assume um papel importante. Segundo Pellegrini et al. (2003, p. 64), “Há uma ordem das coisas no espaço e no tempo vivido pelas personagens, e há o que vem antes e o que vem depois ao nosso olhar de espectadores, seja na tela, no palco ou no texto”.

A mensagem deve ser transmitida com coerência para que o público possa compreender o decorrer dos fatos. É essencial que toda a história transmita algum significado relevante. Seguindo a proposta de Rey (2001, p. 16), “A melhor mensagem é a que não é muito evidente, capaz de suscitar discussões e diversas interpretações”.

De acordo com Lumet (1998, p. 36) “O roteiro ainda deve manter-nos desequilibrados, surpresos, entretidos, envolvidos e, no entanto, quando é atingido o desfecho, dar-nos ainda a sensação de que a história tinha de terminar daquela maneira.”

O roteiro elaborado para o documentário tem por objetivo fazer com que os espectadores possam compreender o determinado acontecimento ou fato por meio de uma extensão interpretativa.

Importante: um bom documentário nunca se acaba, jamais encerra um tema. Mostremos os fatos de um máximo de pontos de vistas possíveis e deixemos ao espectador as interpretações. O documentário que se preza não pretenderá convencer o espectador, mas fazê-lo refletir sobre aquele tema (COMPARATO, 2000, p. 341).

A montagem das cenas de acordo com o roteiro pode ser mudada. Muitas vezes, depois de adequar as cenas ao roteiro, é preciso cortar partes que não se encaixam, que não dão lógica a história. Para Lumet (1998, p. 51), “A montagem final é uma grande fonte de segurança: posso eliminar uma cena ou uma fala que não me agrada ou que não me tenha agradado desde o início”.

O diferencial de bons documentários está no modo como podem ser recriados. A preparação para as filmagens, pequenos detalhes que podem ser

mexidos no cenário, bom ângulo e observação de sons, são fatores que podem transformar um lugar simples em um cenário harmônico.

O que se conclui é que não é necessário descobrir uma pedra rara, única, para resultar num bom roteiro. Mesmo o lugar- comum, quando recriado, personalizado, corretamente desenvolvido, torna-se um trabalho de qualidade, e imaginativo (REY, 2001, p. 9).

4.2 Cultura Cigana Calon

A comunidade cigana é conhecida, normalmente, por ser um povo bastante independente e esperto. Muitos os consideram diferentes por viverem em barracas, viajarem por períodos longos e se vestirem com roupas chamativas.

1. Indivíduo de um povo nômade, provavelmente originário da Índia e emigrado em grande parte para a Europa Central, de onde se disseminou, povo esse que tem um código ético próprio e dedica à música, vive de artesanato, de ler a sorte, barganhar cavalos, etc. 2. romani. 3. Indivíduo boêmio, erradio, de vida incerta. 4. Negociante esperto, vivo. 5. Vendedor ambulante. 6. Designação de carneiro que serve de guia rebanho (HOLANDA, 2004, p. 404).

Os ciganos estão sempre rodeados por crenças e costumes pouco conhecidos por outras pessoas, os *gadjes*. Este termo é adotado para aqueles que não fazem parte da comunidade, ou seja, aqueles “não ciganos”.

Se observarmos o número enorme de evidências das relações de produção cultural em tão grande número de sociedades e períodos históricos diferentes, fica claro que seria insensato adotar, como nosso primeiro construto teórico, algum esquema explicativo universal ou geral para as relações necessárias entre “cultura” e “sociedade” (WILLIAMS, 1992, p. 33).

De acordo com Ferrari (2010, p. 29) “Há fronteiras calon invisíveis para o olhar *gadje*, e fronteiras *gadje* invisíveis ao olhar calon.” A proposta do documentário teve como objetivo romper algumas dessas barreiras e mostrar o “invisível” para o restante da sociedade.

A comunidade Calon surgiu na Espanha e em Portugal e, ao chegar ao Brasil, seus hábitos prevaleceram e muitos continuaram morando em

acampamentos. Uma característica própria deste povo é a língua *chibi*, que é apenas falada, e não escrita.

A língua *chibi* é utilizada como uma forma de defesa para a comunidade calon. Quando os ciganos estão em situação de risco, eles usam a própria língua, já que os *gadjes* não compreendem. Muitos ciganos que não vivem mais em acampamentos, até escondem a própria identidade com receio de serem perseguidos (COSTA, 2012).

Tratou-se, neste projeto, a questão comportamental no âmbito das comunidades ciganas fixadas em meio urbano e semi-urbano. Foi possível analisar, por meio de entrevistas e convívio direto com a comunidade, a maneira como os ciganos vivem no Distrito Federal.

De todas as identidades, a do indivíduo é a mais difícil de ser pensada diferentemente, isto é, como algo em constante processo de (re) construção. Afinal, numa cultura marcadamente individualista como a nossa, a crença na própria individualidade é entendida, não sem razão, como a primeira garantia de sobrevivência (FERREIRA, 2002 p. 77- 78).

De acordo com Dias et al. (2002, p. 9), os ciganos são também um grupo social estigmatizado em que, ao atributo pessoal, se junta, em qualquer circunstância. Não são apenas os mais pobres de entre os mais pobres.

A temática da exclusão social é vista como foco principal de estudo para refletir sobre as condições de vida das populações ciganas, sobre as medidas, programas públicos e as práticas das instituições.

A tendência objetiva de transformação social no Brasil a se realizar por meio da “conciliação pelo alto” marca de vários modos o conteúdo da cultura brasileira. Antes de mais nada, surgem entre nós manifestações explícitas da ideologia “prussiana”, que – em nome de uma visão abertamente elitista e autoritária – defendem a exclusão de massas populares de qualquer participação ativa nas grandes decisões nacionais (COUTINHO, 1990, p. 47)

Esta exclusão também acaba por consequência levando aos Calon certa rejeição por meio dos *gadjen*s. Aqueles que não pertencem ao cotidiano da sociedade tendem a permanecer excluídos pela mesma.

A relação homem/sociedade é de convivência, ou seja, um jogo de interações reais e imaginárias com vivos e mortos. É na sociedade que o homem desenvolve suas potencialidades, seu ser inteiro a partir do qual ele retoma, conserva e/ou transforma as contribuições deixadas por aqueles que o antecederam. Por isso, os fatos da sociedade nos são compreensíveis por dentro, podem ser vividos à custa de percepções de nossos próprios estados (FERREIRA, 2002 p. 56).

Segundo Lamarque (1995, *apud* Dias et al, 2002, p. 19) “Em termos sociológicos, a exclusão resulta de uma falta de coesão social global, não se reduzindo a fenômenos individuais ou a simples agregações de situações, abarcando também, desta forma, situações de risco”.

5. Metodologia

5.1 Contato com os ciganos

O primeiro contato com os ciganos Calon do Distrito Federal foi no dia 09 de maio de 2012 (quarta-feira), às 18h30min, com o casal Adriana Gonçalves e Ronn Marckes, no Centro Cultural Rosa Cigana, SRES Quadra 4 Bloco Q Casa 2, Cruzeiro Velho. Ao chegar ao local, também estava presente o capitão Elias, escolhido pela própria comunidade para “governar” e, principalmente, cuidar de todos os pertencentes ao grupo como uma família.

Uma das dificuldades para o pesquisador em campo é ganhar a confiança da comunidade em questão para que o trabalho tenha um bom resultado final. Como primeiro passo, me apresentei como estudante de jornalismo do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB e com o propósito de realizar um documentário para o meu Trabalho de Conclusão de Curso sobre a cultura cigana no Distrito Federal .

Depois de apresentar a proposta do trabalho, o capitão Elias, o cigano Ronn Marckes e a cigana Adriana ainda não estavam convencidos de que seria confiável expor toda a comunidade às câmeras. Já com algum tempo de conversa e ao demonstrar seriedade, o capitão autorizou pesquisar (contato com a comunidade, reconhecimento de área, pré-entrevistas e filmagens) com os ciganos para a realização do documentário e contou como é um pouco da realidade dos Calon.

5.2 Conhecendo o acampamento

No dia 10 de maio de 2012, às 10h, ocorreu, próximo à Planaltina, a primeira visita ao acampamento dos ciganos na chácara 163, BR-020 km, Córrego Arrozal, Sobradinho - DF. Desta vez, para o reconhecimento de área e para um primeiro contato com toda a comunidade Calon. Tudo foi pensado para este encontro, até mesmo a roupa que usei. Depois de saber, no primeiro encontro com os ciganos no Cruzeiro Velho - DF, que as mulheres usam apenas saias longas (já que na comunidade é sinal de desrespeito deixar as pernas à mostra), decidi usar sempre calças, de preferência jeans que são as mais básicas.

Ao chegar à comunidade, todos me olhavam de uma maneira diferente. Afinal, quem é a jovem vestida diferente que está entrando sozinha no acampamento? Fui logo à procura do capitão Elias Alves da Costa que estava num local coberto e com cadeiras, onde normalmente acontecem as reuniões. Com um aperto de mão, o capitão me recebeu e em seguida já me apresentou o filho que estava ao lado dele. O rapaz tinha 14 anos e, segundo Elias, já estava casado com uma menina da mesma idade que estava grávida. O que é motivo de muito orgulho para os ciganos.

Aos poucos, os Calon me olhavam com menos desconfiança. As mulheres já sorriam e podiam ver que eu não estava ali representando qualquer tipo de ameaça. A primeira a falar comigo foi Lorrane, uma menininha com olhos verdes bem chamativos, cabelo liso e comprido, com cinco anos de idade. Ela tomou coragem e veio me perguntar quem eu era e o que estava fazendo ali. Em seguida conheci a esposa do capitão Elias, que me convidou para conhecer sua “barraca”, ou seja, sua casa. A barraca é simples, com apenas um cômodo e, como todas as outras do acampamento, é aberta.

Com muita simpatia, o capitão e sua esposa me ofereceram água e me mostraram os produtos que vendem. Os ciganos Calon do Distrito Federal vivem dos produtos que vendem. Eles viajam pelo Brasil e compram tapetes, painelas, panos de prato e cobertores. Assim é a renda da comunidade, os homens fazem as viagens para comprar os produtos e as mulheres vão às ruas para vender.

A partir da autorização dos ciganos, a primeira etapa foi a realização de um estudo sobre o que é documentário, qual é a preparação e como pode ser feito. “O documentário é visto como um campo tradicional, com **regras a serem seguidas**. Extrapolar estas fronteiras é um atestado de inventividade e criatividade.” (RAMOS, UNICAMP, grifo nosso).

5.3 As gravações

Durante o mês de agosto, entrei em contato com o capitão Elias por três vezes para marcar as nossas gravações. No dia 22 de agosto de 2012 ocorreu a primeira gravação no acampamento cigano. Às 07h 40min eu já estava no UniCEUB

(SEPN 707/907 Asa Norte Brasília – DF) para buscar o cinegrafista e seguir rumo à gravação.

Cheguei ao acampamento por volta de 08h 30min, o dia estava quente e ensolarado. O capitão Elias estava me aguardando pronto para dar o seu depoimento todo caracterizado, com seu chapéu, camisa quadriculada, jaqueta de couro e bota, no estilo cigano.

Posicionamos a câmera na parte externa da barraca para gravar e, para minha surpresa, o capitão se sentiu bastante à vontade. O intuito da entrevista era realizá-la como um bate-papo, para deixar o entrevistado confortável o suficiente para um depoimento tranquilo e sincero. A gravação com Elias durou 2 horas e abordou os principais assuntos que envolvem a cultura de uma comunidade, tais como: casamento, morte, origem, moradia, preconceito, identidade social, costumes, etc.

Apesar de a comunidade não estar completa devido ao trabalho dos ciganos (viajar para comprar mercadorias e vendê-las), foi possível realizar as entrevistas e fazer imagens do acampamento no mesmo dia. A segunda entrevista foi realizada dentro da barraca com a cigana Leila, esposa do capitão.

Uma mulher jovem, magra, de pele branca e com cabelos bem escuros e compridos. Com muita timidez, Leila me mostrou seus acessórios, por exemplo, lenços coloridos, brincos dourados e prendedores de cabelo. De acordo com ela, as ciganas devem sempre ter e utilizar esses acessórios, pois é sinal de vaidade.

Para os maridos, cuidar da beleza é fundamental. Eles gostam e apoiam que elas estejam sempre arrumadas, com roupas chamativas e muitos acessórios, como manda a tradição. Durante a entrevista, Leila me contou que não pensa em ser outra coisa, apenas cigana. “Eu tenho que ser o que eu sou. Eu sou cigana e quero morrer cigana”, disse ela.

Após os depoimentos, pedi ao cinegrafista que fizesse imagens de toda a comunidade e, principalmente, das sete barracas que compõem o acampamento. Às 11h50min estávamos saindo do acampamento em Córrego Arrozal, Sobradinho – DF, e voltando ao UniCEUB. A primeira gravação estava pronta e já poderia passar pelo processo de corte de imagem.

A segunda gravação ocorreu numa quinta-feira, dia 06 de setembro de 2012, também no acampamento dos ciganos. Cheguei ao local com o cinegrafista por volta

de 8h15min. Neste dia, a comunidade já estava com mais integrantes e todos estavam preparados para nos receber. Como de costume, fui recebida com um aperto de mão do capitão Elias.

No acampamento, também me aguardava o casal Adriana e Ronn, aqueles que me receberam no Centro Cultural Rosa Cigana, no Cruzeiro Velho. O tempo era curto, pois eu só tinha aquela manhã para gravar depoimentos com o máximo de pessoas possível, principalmente, gravar o Ronn cantando suas composições e a dança cigana da Adriana, com o resto das mulheres.

Decidi realizar as gravações no centro do acampamento, o local coberto e com cadeiras, onde acontecem as reuniões. Dessa forma, a paisagem de fundo das entrevistas ficaria diferenciada. O depoimento da Adriana foi o primeiro a ser gravado e, da mesma maneira que os outros, ela estava sentada e falando como numa simples conversa comigo.

Ao longo da entrevista, nós mudamos a câmera de posição para não ter o mesmo enquadramento todo o depoimento. E assim fizemos com os outros entrevistados também. A cigana Adriana sentiu-se bastante confortável com a entrevista e, de forma inesperada, conseguimos concluir o primeiro depoimento do dia em pouco tempo. Ela explicou como realmente é a dança cigana e o significado de cada acessório.

O próximo a ser entrevistado foi o cigano Ronn Marckes, marido da Adriana. Comecei o depoimento com o Ronn perguntando a origem dos ciganos Calon. Ronn é bastante comunicativo e falou, especialmente, sobre a música cigana. A música e a dança são as fontes de renda do casal. Adriana dá aulas de dança e Ronn se apresenta em shows. No final da entrevista, pedi ao Ronn que tocasse uma de suas músicas. Ele logo pegou o seu violão e começou a cantar e tocar.

Em seguida, entrevistei a cigana Mara e o cigano Marcelo, mas não consegui muito dos depoimentos. Estes eram mais tímidos e não se sentiram muito a vontade em serem filmados. Já era 11h e resolvi fazer as últimas filmagens. Adriana juntou algumas ciganas da comunidade e começaram a dançar enquanto Ronn tocava. Aquele era um momento importantíssimo para compor o roteiro. As mulheres dançando e os homens sentados, calados e batendo palmas. Pedi ao cinegrafista para fazer, ao máximo, imagens da comunidade.

Às 12h, concluímos as gravações e voltamos ao UniCEUB para deixar os equipamentos. O próximo passo seria a gravação com um especialista que abordasse o assunto. Passei alguns dias pesquisando especialistas em Brasília que tratassem do assunto, de preferência, sobre ciganos de etnia Calon. Não encontrei o especialista e resolvi, então, procurar um historiador.

No dia 18 de setembro, entrei em contato com o professor de História e Antropologia Frederico Tomé. Conversamos por um tempo e o professor aceitou gravar o depoimento sobre os ciganos. Por fim, chegamos à última gravação do documentário. Esta ocorreu no dia 27 de setembro, às 09h 30min, na praça da SQN 308, em frente ao bloco E. Antes, como de costume, tive que ir ao UniCEUB para buscar o cinegrafista e o equipamento.

Na entrevista, o professor explicou as possíveis teorias sobre a origem dos ciganos e a questão do preconceito. Tudo ocorreu como o planejado durante aquela manhã. Às 11h, já tínhamos terminado a gravação e o cinegrafista já estava no UniCEUB com os equipamentos.

5. 4 Nasceu o documentário “O Cigano Calon”

Depois de todas as gravações concluídas, comecei a elaborar o roteiro do documentário. Coloquei no roteiro assuntos que eu acreditei serem os mais importantes para compreender a vida dos ciganos Calon: origem, moradia, casamento, preconceito, música e dança cigana.

Selecionei imagens que caracterizassem bem o cigano e que mostrassem, principalmente, a realidade vivida por eles no acampamento. O roteiro do documentário foi elaborado com seis entrevistados e ficou em torno de 15 minutos. Para a conclusão do documentário fui à procura de um editor de imagens com o roteiro já em mãos.

O editor construiu uma primeira edição, desde o corte seco das imagens até as vinhetas e me entregou no dia 7 de outubro. Anotei alterações (cortes de depoimento, troca de vinhetas, título) para serem refeitas, comigo, no dia 12 de outubro (sexta-feira).

Neste dia, encontrei com o editor de imagens às 14h 30min para fazer as alterações. Trocamos a vinheta de posição, fizemos outra abertura, trocamos as

cores dos clips que alternavam os assuntos, colocamos músicas do cigano Ronn Marckes no decorrer dos depoimentos e cortamos muitas falas.

Normalmente o primeiro roteiro é mais comprido do que o roteiro final, que supõe um trabalho de síntese, eliminando as redundâncias e conservando a essência do drama. Assim, no ato de reescrever, não se deve hesitar perante a possibilidade de cortar. Quando sentimos que um diálogo está demasiado longo, devemos cortá-lo imediatamente e sem remorsos (COMPARATO, 2000, p. 286).

Às 18h, conseguimos realizar todo o procedimento de edição. O documentário estava pronto. Para finalizar o meu Trabalho de Conclusão de Curso ainda era necessário terminar de escrever o memorial descritivo. Acrescentei mais alguns parágrafos, algumas citações e consegui desenvolver o meu trabalho. O documentário, finalmente, estava concluído.

5.5 Cronologia do campo:

DATA	09/05/2012	10/05/2012	22/08/2012
LOCAL	Cruzeiro Velho Primeiro contato com os ciganos, no Centro Cultural Rosa Cigana	Córrego Arrozal, Sobradinho Primeira visita ao acampamento dos ciganos Calon para o reconhecimento de área	Córrego Arrozal, Sobradinho Primeira gravação no acampamento.
DATA	06/09/2012	27/09/2012	28/09/2012
LOCAL	Córrego Arrozal, Sobradinho Segunda gravação no acampamento. Adriana Gonçalves e Ronn Marckes	SQN 308 – Praça da quadra Gravação com o historiador Frederico Tomé.	TODAS AS IMAGENS DECUPADAS.
DATA	12/10/2012	15/10/2012	18/10/2012
LOCAL	EDIÇÃO DO DOCUMENTÁRIO CONCLUÍDA.	TCC PRONTO. ENTREGA DO TCC PARA A ORIENTADORA.	DEVOLUÇÃO DO TCC PARA CORREÇÃO.
DATA	29/10/2012	08/11/2012	
LOCAL	ENTREGA DO TCC PARA A BANCA.	DEFESA DA BANCA.	

6. Considerações Finais

Produzir um documentário é uma experiência trabalhosa e, ao mesmo tempo, incrível. A partir das gravações, é possível mostrar às pessoas a realidade de outro mundo. É ter em mãos uma ferramenta poderosa e fascinante que faz com os espectadores possam compreender outra cultura, com costumes diferentes.

É uma mistura de imagem, som e edição, que fragmenta a realidade. A realização de todo esse trabalho depende também de um trabalho em equipe, já que é necessária, por exemplo, a ajuda de um cinegrafista e de um editor para todas as etapas do processo produção.

Durante a realização do documentário, o processo de pesquisa e de produção, trouxe conhecimentos de uma cultura não vista pela sociedade. Este processo fez com que o objetivo geral do trabalho, realizar um documentário baseado na convivência com ciganos de etnia Calon, fosse realmente cumprido.

Compreender a cultura cigana foi o ponto principal do trabalho e, com os depoimentos da comunidade cigana Calon do Distrito Federal, foi possível ter uma visão geral de assuntos comuns (origem, moradia, preconceito, trabalho, casamento, dança e música cigana) de como vivem estas pessoas.

É importante passar por este tipo de trabalho, pois serve como aprendizado e preparação para o mercado de trabalho. Afinal, o jornalismo para televisão não se faz sozinho. Finalizar cerca de quatro anos de estudo, realizando um produto na área que pretendo seguir profissionalmente, foi de grande importância.

7. Referências

COMPARATO, Doc. **Da criação ao roteiro**. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

COSTA, Elias. **Entrevista concedida a Jéssica Sampaio Lins**. Brasília, 10 maio 2012.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Cultura e sociedade no Brasil**: ensaios sobre idéias e formas. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.

DA-RIN, Silvio. **Espelho Partido**: tradição e transformação do documentário. Rio de Janeiro: Azougue, 2004. 448 p.

DIAS, Eduardo Costa, *et al.* **Comunidades ciganas**: representações e dinâmicas de exclusão-integração. Portugal: Alto Comissariado Para A Imigração e Minorias Étnicas, 2002. 59 p. Disponível em: <<http://www.ciganos.pt/UserFiles/Files/ciganos6.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2012

FERRARI, Florencia. **O mundo passa**: uma etnografia dos Calon e suas relações com os brasileiros. 2007. 336 f. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

FERREIRA, Lucia et al. **Linguagem, identidade e memória social**: novas fronteiras, novas articulações. Rio de Janeiro: Dpa, 2002.

HOLANDA, Aurélio Buarque. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004. 2120 p.

LUMET, Sidney. **Fazendo filmes**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão**: a vida pelo vídeo. Rio de Janeiro: Moderna, 1988. 119 p.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 3. ed. Campinas: Papyrus Editora, 2008. 265 p.

PELLEGRINI, Tânia et al. **Literatura, cinema e televisão**. São Paulo: Senac São Paulo, 2003.

PENAFRIA, Manuela. **O Documentarismo do Cinema**. Universidade da Beira Interior. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/pag/_texto.php3?html2=penafria_manuela_documentarismo_cinema.html Acesso em: 09 maio 2012.

PUCONI, Sérgio. **Introdução ao roteiro de documentário**. Disponível em: <http://www.doc.ubi.pt/06/artigo_serpio_puccini.pdf>. Acesso em: 09 maio 2012.

RAMOS, Fernão Pessoa. **O que é documentário?** Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/_texto.php3?html2=pessoa-fernao-ramos-o-que-documentario.html>. Acesso em: 09 maio 2012.

REY, Marcos. **O roteirista profissional televisão e cinema**. Rio de Janeiro: Ática, 2001.

SABOYA, Jackson. **Manual do Autor Roteirista: Técnicas de roteirização para a TV**. Rio de Janeiro: Record, 1992. 141 p.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ROTEIRO

VÍDEO	ÁUDIO
<p>1. ABERTURA: Imagens de ciganos e estrada de chão em movimento.</p> <p>MÚSICA 01 – CD RONN MARCKES. Intercalar as falas na música.</p> <p>Câmera em linha reta: Vídeo 06 - 00:45 à 01:00</p>	<p>SOM: MÚSICA 01 – CD RONN MARCKES</p> <p>ENTRA FALAS DOS PERSONAGENS:</p> <p>Ronn – “Eu me adapto a qualquer lugar que eu esteja”. Vídeo 26 04:12 à 04:20</p> <p>Elias - “Os nossos pais, já andavam aqui por Brasília antes de Brasília existir”. Vídeo 08 00:48 à 01:00</p>
<p>2. ARTE COM TÍTULO DO DOCUMENTÁRIO</p> <p>“O CIGANO CALON”</p>	
<p>3. DEPOIMENTO ELIAS: O capitão da comunidade sentado com sua “barraca” de fundo.</p> <p>ORIGEM CALON</p>	<p>“Os calon vieram da Índia, vieram do Egito. Os ciganos calon, a origem deles é da Índia e do Egito”.</p> <p>Vídeo 09 (Primeiro vídeo) 10:38 à 10:48</p>
<p>4. DEPOIMENTO RONN:</p> <p>ORIGEM CALON</p>	<p>“O primeiro relato, realmente dizendo de onde vêm os ciganos, está na bíblia. Gênesis capítulo 4, versículo 19, que conta lá que Lamec tomou pra si duas esposas. E com a primeira esposa ele fez todos os tocadores de flauta, harpa e lira e todos os que habitam criam gados. E com a segunda esposa ele fez todos os forjadores de ferro, cobre, bronze e ouro.</p>

	<p>Vídeo 26 00:55 à 01:20</p>
<p>5. DEPOIMENTO FRED:</p> <p>ORIGEM CALON</p>	<p>“A origem dos ciganos ainda é uma incógnita, né. Há possíveis origens. Estudiosos tentam buscar indícios em rastros históricos de onde esse povo vem ou esses povos, porque na verdade é um aglomerado de culturas em que se dividem dentro de uma unidade”.</p> <p>Vídeo 01 (pasta historiador) 00:10 até 01:00</p>
<p>6. DEPOIMENTO RONN:</p> <p>ORIGEM CALON</p>	<p>“Se você pegar e analisar o que é a comunidade cigana, você vai ver que são três grupos gigantescos, os Roms, os Sintos e os Calons”.</p> <p>Vídeo 26 01:21 à 01:32</p>
<p>7. DEPOIMENTO FRED:</p> <p>ORIGEM CALON</p> <p>Arte com mapa durante as falas.</p> <p>Idosa na comunidade Vídeo 51 00:09 até 00:20</p> <p>Crianças brincando no acampamento Vídeo 52 00:03 até 00:18</p>	<p>“Dentro dessa várias possibilidades existem três correntes que dominam esse discurso. A primeira reporta a uma origem egípcia”.</p> <p>Vídeo 01 (pasta historiador) 01:00 até 01:11</p> <p>“Os ciganos teriam vindo do Egito, mas essa teoria, ela caiu por terra quando estudiosos começaram a vincular as língua dos ciganos às línguas indianas. Essa segunda interpretação, ela data mais ou menos do século XVII, do século XVIII. E tornou-se majoritária, digamos assim, nas interpretações de origem”.</p> <p>Vídeo 01 (pasta historiador) 02:10 até 03:00</p> <p>“Uma terceira leva, ou uma terceira interpretação possível, dá conta de que os ciganos seriam semitas Então, nós temos essas três possíveis interpretações. Cada qual com as suas razões, as suas justificativas acadêmicas e científicas”.</p> <p>Vídeo 01 03:59 até 05:08</p>

<p>8. DEPOIMENTO ELIAS</p> <p>ACAMPAMENTO x CASA</p>	<p>“A mesa nossa. É uma mesinha que nós usamos pra almoçar, jantar. Ali está o nosso armário que a gente coloca as vasilhas. Tem uma televisão. Tem um som. Que a gente agora que conseguiu. Hoje como a gente está fixo, pode ter uma geladeira também, porque antes nós não tínhamos, porque não tinha como carregar. Nós trabalhamos também com essas panelas aqui. Essas panelas nós vendemos. A gente pega no Estado de São Paulo essas panelas. A gente vende essas panelas aqui. Essas de alumínio a gente trabalha também, vende também. As panelas são boas de vender. Porque a panela é uma coisa que o pessoal compra mesmo, é necessidade, né. Essas panelas são muito vendidas. São muito bonitas. E aqui, olha, o guarda-roupa de vocês é de madeira, o nosso é esse aqui. É um saco que chama-se bizaco, é onde a gente coloca as roupas nossas. Chama bizaco. A gente vai dobrando as roupas, os lençóis e usa aqui em cima. Vai dobrando e vai juntando. É tudo isso aqui mesmo. As vezes bota dentro da mala, as vezes bota aqui. É por aí”</p> <p>Vídeo 11 02:40 à 04:30</p>
<p>9. DEPOIMENTO HISTORIADOR</p> <p>ACAMPAMENTO x CASA</p>	<p>“Os estereótipos foram criados em relação aos ciganos desde sua chegada a Europa. Ou seja, numa primeira leva de ciganos na Europa, isso data mais ou menos do ano mil, esses ciganos eram entendidos em uma totalidade que não existia. Então, algumas características, alguns adjetivos, serviam para todos aqueles povos nômades que vinham do mundo asiático, e aí especificamente, do leste indiano, melhor dizendo, do oeste indiano, do noroeste indiano, em direção a Europa”.</p> <p>Vídeo 01 05:58 até 06:32</p>

<p>10. DEPOIMENTO ELIAS</p> <p>ACAMPAMENTO x CASA</p> <p>MÚSICA 07 – CD RONN MARCKES Clip com imagens das barracas com a trilha</p> <p>Vídeo 19 00:19 até 01:35</p> <p>Vídeo 47 00:11 até 00:29</p>	<p>“O povo cigano, ainda tem pouco acampamento no Brasil. Tem pouco acampamento. Tem poucos ciganos que moram em acampamento ainda. A maioria dos ciganos está morando em residência, em casa, por quê? Pra correr fora do preconceito. Pelo medo do preconceito”.</p> <p>Vídeo 09 02:23 à 02:45</p>
<p>11. DEPOIMENTO ADRIANA</p> <p>ACAMPAMENTO x CASA</p>	<p>“O preconceito existe, só que ele é velado. Hoje, como tem muita academia de dança, tem muito grupo de dança, então todo mundo se veste de cigano e tem o prazer em dizer que é cigano. Mas ninguém sabe a realidade dentro do acampamento, o que é viver”.</p> <p>Vídeo 24 05:58 até 06:18</p>
<p>12. DEPOIMENTO ELIAS</p> <p>ACAMPAMENTO x CASA</p>	<p>“Então, ele alugou uma casa ou então comprou uma casa, quem tinha condições de comprar pra morar e não falar que é cigano. Negar que é cigano. Pra ele criar os filhos, botar os filhos pra estudar”.</p> <p>Vídeo 09 02:46 à 03:01</p>
<p>13. DEPOIMENTO RONN</p> <p>ACAMPAMENTO x CASA</p>	<p>“Se a gente para pra analisar tudo o que a gente já viveu. De estar no meio de uma estrada e de repente você arma um acampamento e vem alguém e derruba o seu acampamento, você tem que caçar algum canto pra recompor, botar essa família toda num canto”.</p> <p>Vídeo 25 01:00 à 01:16</p>
<p>14. DEPOIMENTO ELIAS</p> <p>ACAMPAMENTO x CASA</p>	<p>“Então, muitos perderam a cultura. Não porque eles quiseram. Eles não acharam uma saída. Ele sabe que se ele chegasse e botasse a barraca ali, ele tinha que ir embora. Então, ele não aguentou mais”.</p>

	<p>Vídeo 09 03:01 à 03:12</p>
<p>15. DEPOIMENTO ADRIANA</p> <p>PRECONCEITO</p> <p>Imagens da comunidade nas últimas frases da fala para passar ao próximo depoimento.</p> <p>Cigana caminhando pelo acampamento. Vídeo 55 – USAR TODO O VÍDEO</p> <p>Cigano tocando teclado Vídeo 57 00:11 até 00:22</p>	<p>“Eu já fui pra um supermercado vestida assim, porque eu vivo 24h vestida de cigano, é minha roupa, do jeito que eu gosto, eu me sinto bem. Só que você vai no supermercado e a pessoa te acompanha, sabe, pra ver se você vai mexer em alguma coisa, se você vai roubar. Se você vai numa loja, as pessoas ficam te olhando. Já teve caso de eu estar dentro do supermercado e uma senhora se benzer”.</p> <p>Vídeo 24 06:18 até 06:35</p>
<p>16. DEPOIMENTO HISTORIADOR</p> <p>PRECONCEITO</p> <p>Imagens dos ciganos na comunidade Vídeo 62 02:05 até 02:15</p> <p>Vídeo 63 00:13 até 00:21</p> <p>Vídeo 65 01:00 até 01:14</p>	<p>“Quando eles chegavam na Europa, aqueles que relataram essa chegada e que escreveram sobre esse novos povos que adentravam o continente europeu remetiam a uma série de caracterizações negativas, como trapaceiros, como amorais, como preguiçosos, como perigosos, vadios. Então, esses conceitos, ou melhor, esses pré-conceitos, eles serviam como identificação dos povos ciganos.</p> <p>Vídeo 01 06:32 até 07:25</p>
<p>17. DEPOIMENTO RONN</p> <p>PRECONCEITO</p>	<p>“Sofrer preconceito o cigano sempre vai sofrer. Porque as pessoas temem o que é diferente”.</p> <p>Vídeo 25 08:11 até 08:16</p>
<p>18. DEPOIMENTO HISTORIADOR</p>	<p>“Então, essas características se perpetuaram no tempo e serviram como estereótipos de</p>

<p>PRECONCEITO</p>	<p>identificação no decorrer dos anos e no decorrer dos espaços ocupados pelos ciganos". Vídeo 01 07:25 até 07:39</p>
<p>19. DEPOIMENTO RONN</p> <p>PRECONCEITO</p>	<p>"Como em qualquer sociedade, você tem pessoas boas e pessoas ruins, você entende?! Garanto pra você que na sociedade cigana são 5% de pessoas que não valem o seu peso. Porque o resto tudo são pessoas de família com dignidade acima do padrão. São pessoas que cuidam dos seus, desde o mais novo até o mais velho". Vídeo 25 07:19 à 07:37</p>
<p>20. DEPOIMENTO ELIAS:</p> <p>CASAMENTO</p> <p>Cigana cozinhando fora da barraca Vídeo 48 00:04 até 00:29</p> <p>Imagens mulheres da comunidade cuidando das crianças Vídeo 35 00:09 até 00:30</p>	<p>"Eu me casei com 16 anos, pela primeira vez eu casei com 16 anos e a mulher tinha 14. Com 17 anos eu já era pai. 17 anos. Eu tenho 5 filhos, 5 filhos. Tenho 3 filhos casados já. Tenho 3 filhos casados e 7 netos. Inclusive nasceu um ontem". Vídeo 08 04:02 à 04:25</p>
<p>21. DEPOIMENTO MARA: Cigana da comunidade.</p> <p>CASAMENTO</p>	<p>"Eu sou casada. Casei com 14 anos. Tenho 3 filhos". Vídeo 28 00:42 à 00:49</p>
<p>22. DEPOIMENTO ELIAS:</p> <p>CASAMENTO</p>	<p>"O cigano casa sempre com a outra cigana já com compromisso. Ela já é comprometida. Às vezes, antes de nascer aquela pessoa já comprometida pra casar com aquela outra pessoa, entendeu?! É uma segurança que nós temos dentro da cultura do povo cigano". Vídeo 8 01:32 à 01:54</p>

<p>23. DEPOIMENTO MARA:</p> <p>CASAMENTO</p>	<p>“Minha vida é uma vida boa, gosto de viver como eu vivo. Gosto das tradições ciganas”.</p> <p>Vídeo 28 00:49 à 00:56</p>
<p>24. DEPOIMENTO MARCELO:</p> <p>TRABALHO</p> <p>Vídeo Cobertor 00:26 até 00:31</p> <p>Vídeo Tapete 01:34 até 01:37</p>	<p>“Nós mexemos com cama, mesa e banho. Pano de prato, toalha de mesa, canga que usa pra deitar em praia, tapete. Nós pegamos o carro aqui destino a Minas mesmo, Belo Horizonte. Vamos supor, eu saio aqui vou pra Goiânia, Goiânia eu vou pra Itubiera, vou passando. Volto nas cidades, vou vendendo. Aí eu vou voltando até chegar no destino certo. Aí eu acabo voltando, voltando, e saio aqui em Brasília”.</p> <p>Vídeo 30 02:04 até 02:32</p>
<p>25. DEPOIMENTO ADRIANA</p> <p>DANÇA CIGANA</p> <p>Usar imagens das mulheres dançando para trocar o assunto “casamento” para “dança cigana”</p> <p>Vídeo 72 00:11 à 01:05</p> <p>Mulheres da comunidade dançando enquanto o cigano Ronn canta e toca violão. Usar durante a fala.</p> <p>Vídeo 71 00:17 à 00:35</p>	<p>“E tudo que o cigano trabalha tem muito a ver com a natureza, né. Com a liberdade, com a natureza. Então, a gente trabalha, geralmente dança de pé no chão, né. Que é a parte livre. As mulheres não podem mostrar o tornozelo. Sempre com a anágua debaixo da saia pra que não tenha que mostrar o corpo. A gente só mostra o corpo pro marido. Então, você vê em vários programas, às vezes aparece as mulheres fazendo a dança cigana com o ventre de fora, isso não acontece, né. As mulheres não mostram o corpo. As mulheres casadas sempre usam um lenço na cabeça. Então tem todo um significado, uma simbologia”.</p> <p>Vídeo 23 04:37 à 05:42</p>

<p>26. DEPOIMENTO LEILA</p> <p>DANÇA CIGANA</p> <p>Mostrando os acessórios femininos. Vídeo 11 04:40 até 05:32</p>	<p>“Aqui é onde eu coloco os meus lenços. Quando a gente vai sair, a gente usa. Que são esses lenços aqui. As piranhas que a gente gosta muito de usar. Que são essas piranhas de cabelo, sempre a gente tem. O resto mais é creme, perfume. Porque nós gostamos de usar isso aqui, a gente põe na cintura. Põe assim, amarra assim. Olha, a gente usa eles assim, com outras roupas que a gente tem”.</p> <p>Vídeo 11 04:40 até 05:32</p>
<p>27. DEPOIMENTO ADRIANA</p> <p>DANÇA CIGANA</p> <p>Imagem do cabelo: Vídeo 11 11:30 até 11:34</p>	<p>“A saia é um instrumento da dança cigana. Por que nós fazemos o movimento de saudação ao universo, movimentos que simbolizam a natureza, né. A Santa Sara, que é a padroeira do povo cigano. Nós trabalhamos com o véu. Onde simboliza toda essa cultura. E até mesmo a religião. Em relação a padroeira. Então, nós sempre vestimos roupas bem coloridas, saias fartas, de 12 a 15 metros de roda, moedas. As bijuterias porque ciganos gostam de andar bem, né, com bastante bijuterias, bastante moedas, porque também simbolizam o ouro, né. Então, a riqueza, a prosperidade. As mulheres usam muito o dourado, o ouro. Também gostam, né. É um ardor. É uma coisa bonita, elas gostam de bastante cor. As mulheres não podem cortar o cabelo, né. Na verdade, a simbologia do cabelo, quando você separa é cortado o cabelo. Então, dentro da comunidade sabem que ela é uma mulher separada”.</p> <p>Vídeo 24 00:41 à 01:46</p>

<p>28. DEPOIMENTO RONN</p> <p>MÚSICA</p> <p>Imagens Ronn cantando com o acampamento de fundo. Colocar as imagens entre a troca de falas.</p> <p>Vídeo 27 01:41 até 04:16</p>	<p>“Eu sou músico, entendeu?! Minha família toda é música. Então, eu uso a música dentro do meu trabalho pra poder divulgar a comunidade cigana. Pra poder contar do que passa, como passa, como vem tentando sobreviver, você entendeu?! Há toda essa desordem que é esta sociedade cigana convivendo com a sociedade civil, que é muito difícil. Então, a gente chega nas pessoas através da música. E foi o caminho que eu escolhi”.</p> <p>Vídeo 25 03:46 até 04:18</p>
<p>29. DEPOIMENTO ADRIANA</p> <p>MÚSICA</p>	<p>“A maioria das crianças já nasce escutando música, vão aprendendo a dança. E cada passo, cada movimento tem um significado. Como cada instrumento que nós usamos dentro da dança tem um significado”.</p> <p>Vídeo 23 04:40 à 04:55</p>
<p>30. DEPOIMENTO RONN</p> <p>MÚSICA</p>	<p>“Tudo o que a gente escuta hoje tem influencia. Se você catar Zé Ramalho pra escutar, por exemplo, você vai ver que lá tem influência de música cigana. Desde a música cigana da Índia até a música cigana que foi feita no Brasil”.</p> <p>Vídeo 25 04:54 à 05:52</p>
<p>31. DEPOIMENTO ADRIANA</p> <p>FINAL</p>	<p>“A maior luta nossa é pra que a comunidade realmente tenha um espaço dentro da sociedade”.</p> <p>Vídeo 24 04:15 à 04:21</p>
<p>32. DEPOIMENTO LEILA</p> <p>FINAL</p>	<p>“Eu tenho que ser o que eu sou. Eu sou cigana e quero morrer cigana”.</p> <p>Vídeo 12 – 004945 03:42 à 03:46</p>

<p>33. COMUNIDADE SE DESPEDINDO</p> <p>MÚSICA 2 – CD RONN MARCKES</p> <p>CRÉDITOS</p> <p>Comunidade junta dando tchau. Video 73 00:40 até 00:57</p>	<p><i>Direção</i> Jéssica Lins</p> <p><i>Orientação</i> Katrine Boaventura</p> <p><i>Produção e Reportagem</i> Jéssica Lins</p> <p><i>Edição</i> Cleiton Fernandes</p> <p><i>Imagens</i> Jean Souza Osmar Alves</p> <p><i>Roteiro</i> Jéssica Lins Jordana Ribas</p> <p><i>Músicas</i> Urr Man Lay Pure Chey Icana Sara Cali (Ronn Marckes)</p> <p>Donde Estara Mi Amor (Ronn Marckes)</p> <p>Urr Man Lay Pure Chey Sara Cali (Ronn Marckes)</p> <p><i>Agradecimentos</i> Adriana Gonçalves Diogo Oliveira Elias Alves Ernesto Lins Frederico Tomé Glauciene Lara Henrique Sampaio Isabela Dutra Jordana Ribas Lara Piza Leonardo Lins Ronn Marckes Vânia Sampaio</p>
--	--

TOTAL– 14min 09seg